

Caxias e o Exército Brasileiro: passado, presente e futuro

Gen Ex Tomás Miguel Miné Ribeiro Paiva*

Caxias

Caxias, até o ano de 1840, designava simplesmente uma cidade no interior da província do Maranhão. A partir de 1841, a localidade emprestou seu nome para homenagear, com um título de nobreza, o coronel Luiz Alves de Lima e Silva, que, nela, consolidou a vitória na campanha de pacificação, pondo fim ao movimento da Balaiada. Hoje, em virtude das marcantes realizações desse insigne militar, a expressão ganhou novos significados, referindo-se a um grande ícone de nossa história e, também, qualificando as pessoas que são extremamente escrupulosas no cumprimento de suas obrigações.

O título, de fato, passou a identificar o maior de todos os nossos soldados, o patrono do Exército Brasileiro. Seus exemplos de liderança foram evidenciados nas inúmeras campanhas militares das quais participou e nos diversos cargos que exerceu. O Duque de Caxias, por conseguinte, ajudou a consolidar no novo mundo uma grande nação independente e, o mais importante, à frente do Exército, conservou-a unida e íntegra.

O presente caderno oferece a oportunidade de revisitar os feitos e as atitudes do nosso patrono. Este artigo pretende rememorar algumas das qualidades do líder que impulsionou o Exército de ontem, orienta o Exército de hoje e inspira o Exército do amanhã.

* General de exército oriundo da arma de infantaria, da turma de 1981. Além dos Cursos de Formação, Aperfeiçoamento e Comando e Estado-Maior, possui a formação de Básico Paraquedista, Mestre de Salto, Básico e Avançado de Salto Livre e Precursor Paraquedista. Com larga experiência na área educacional, foi instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), comandante do Corpo de Cadetes, comandante da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx), comandante da AMAN e chefe do Departamento de Educação e Cultura do Exército. Na área operacional, destacam-se a participação como subcomandante do Batalhão de Infantaria da Força de Paz do 7º CONTBRAS no HAITI e o comando da Força de Pacificação da Operação Arcanjo VI, no Complexo da Penha e do Alemão, no Rio de Janeiro. Dentre as diversas comissões, destacam-se os trabalhos desenvolvidos como ajudante de ordens do presidente da República, assessor militar do Brasil no Exército do Equador, comandante do Batalhão da Guarda Presidencial (BGP), da 11ª Brigada de Infantaria Leve (11ª Bda Inf L), chefe do Gabinete do Comandante do Exército, comandante da 5ª Divisão de Exército (5ª DE) e do Comando Militar do Sudeste. Atualmente, é o comandante do Exército Brasileiro.

No passado, moldou o Exército e a conduta do soldado

As operações militares das quais Caxias tomou parte começam com a Guerra da Independência; percorrem a Campanha da Cisplatina, as ações pacificadoras dos movimentos separatistas da Regência e a contestação ao caudilhismo revolucionário sul-americano; e culminam com a Campanha da Tríplice Aliança, o maior e mais longo conflito do nosso subcontinente. Ao longo de sua vida profissional, demonstrou invulgar tino militar e forte percepção de estadista. Com isso, contribuiu decisivamente para estruturar o Exército e disciplinar a conduta de seus integrantes, legando-nos os principais traços que identificam a instituição.

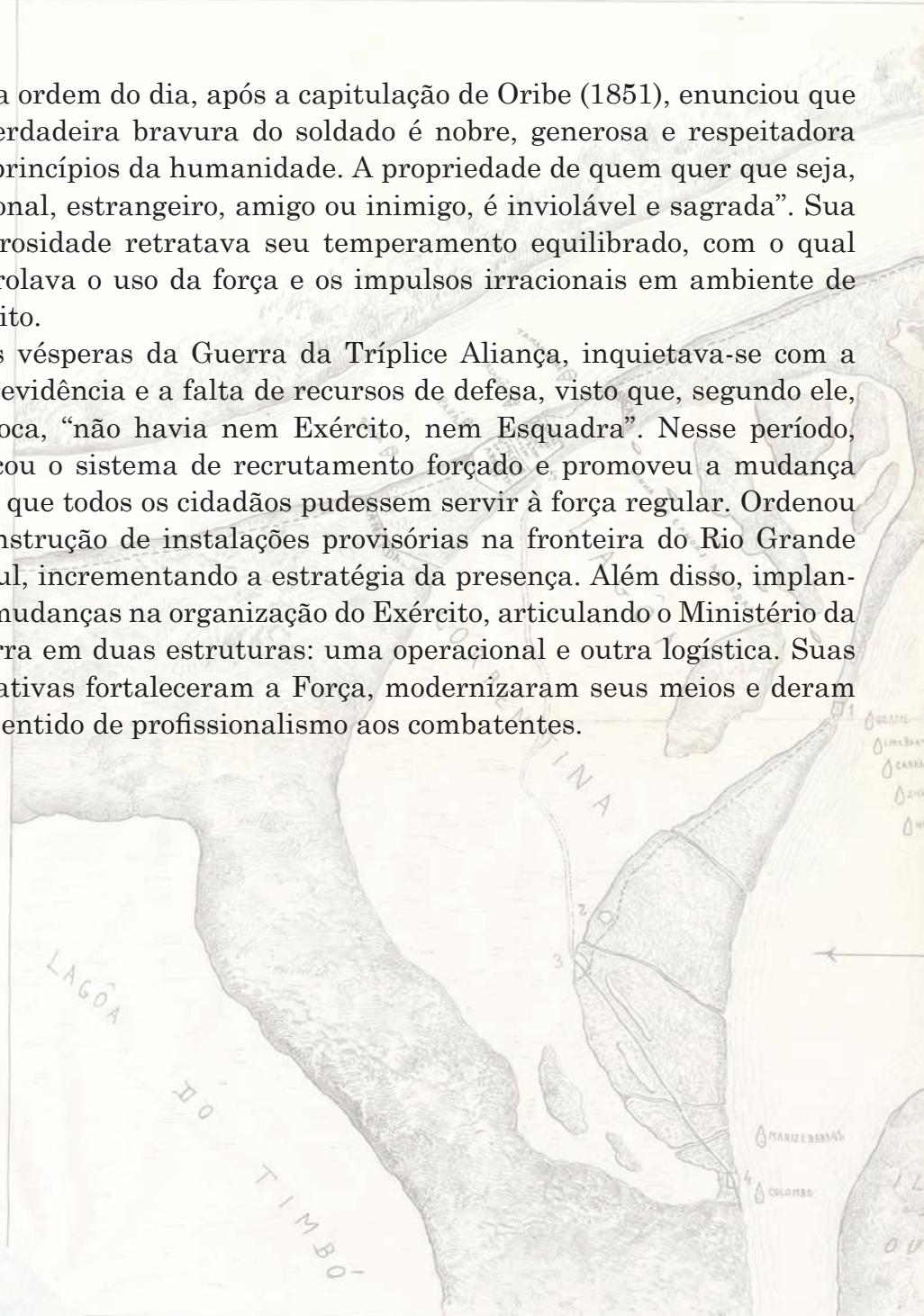
O então coronel Luiz Alves de Lima e Silva, após pacificar os revoltosos maranhenses, em seu discurso de despedida, revelou os princípios que orientaram o comando dele naquela campanha: manter rigorosa disciplina das tropas; fiscalizar e economizar as despesas de guerra; cumprir e fazer cumprir as leis do Estado; não se envolver em questões de partidos; bem como distinguir os homens pelos seus merecimentos e qualidades, com imparcialidade. Essas recomendações são, ainda, pilares de nossa Força.

Dotado de singular senso de autoridade, mesclava a firmeza ao disciplinar com a bondade ao julgar. Tratou, invariavelmente, com muito respeito, pares e superiores; e com extrema dignidade os subordinados, corrigindo inqualificáveis abusos na repressão disciplinar e dando máxima atenção aos doentes.

A generosidade com os vencidos caracterizou sua atuação durante as campanhas de pacificação. Após a vitória na Revolução Farroupilha (1844), asseverou que não se vangloriava com a desgraça dos seus concidadãos. Caxias, na verdade, sempre respeitou os rebeldes, pois, segundo ele, colocavam em risco a vida por um ideal, muito embora os considerasse “irmãos iludidos”. Com esse mesmo senso de humanidade, procedia com o inimigo externo.

Na ordem do dia, após a capitulação de Oribe (1851), enunciou que “a verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa e respeitadora dos princípios da humanidade. A propriedade de quem quer que seja, nacional, estrangeiro, amigo ou inimigo, é inviolável e sagrada”. Sua generosidade retratava seu temperamento equilibrado, com o qual controlava o uso da força e os impulsos irracionais em ambiente de conflito.

Às vésperas da Guerra da Tríplice Aliança, inquietava-se com a imprevidência e a falta de recursos de defesa, visto que, segundo ele, à época, “não havia nem Exército, nem Esquadra”. Nesse período, criticou o sistema de recrutamento forçado e promoveu a mudança para que todos os cidadãos pudessem servir à força regular. Ordenou a construção de instalações provisórias na fronteira do Rio Grande do Sul, incrementando a estratégia da presença. Além disso, implantou mudanças na organização do Exército, articulando o Ministério da Guerra em duas estruturas: uma operacional e outra logística. Suas iniciativas fortaleceram a Força, modernizaram seus meios e deram um sentido de profissionalismo aos combatentes.



I M Guimarães
Plano do sítio de Humaitá pelo Chaco
Fonte: <http://objdigital.bn.br>

PLANO DO SITIO DE HUMAITÁ

Após a invasão do Mato Grosso, em dezembro de 1864, rascunhou, ainda em janeiro de 1865, o plano de operações que se tornou a base da manobra dos exércitos aliados no Paraguai. Em 1867, quando assumiu o cargo de comandante em chefe das forças brasileiras, com argumentos sólidos sobre doutrina e estratégia, contribuiu para que o general Mitre, comandante dos aliados, aperfeioasse os planos e evitasse uma manobra desastrosa contra a fortaleza de Humaitá. Ademais, restabeleceu a capacidade de aprovisionamento das forças aliadas, devolvendo a crença na vitória e permitindo a retomada da ofensiva. Caxias era muito respeitado e admirado por sua visão política, estratégica e administrativa.

Acima de tudo, Caxias demonstrou, a todo o momento, grande fé na sua missão. Aos 64 anos, quando chegou ao Paraguai, precisou refazer, disciplinar e adestrar o exército, antes de lançá-lo ao fogo. Encarrou 26 meses de campanha em pleno Chaco paraguaio, superando o surto de cólera, que levava cerca de 40 dos seus combatentes todos os dias (1º semestre de 1867), venceu a guerra de posição (Tuiuti a Humaitá, de novembro de 1866 a julho de 1868) e a guerra de movimento (Humaitá a Assunção, de julho de 1868 a janeiro de 1869).



493-855
AA
1976

Estrada de ferro — 700 braças.
Picada.

Guarda paraguaya.

Caminho feito por uma estacada para navegação das canoas.
N. 1. — Reducto argentino com 220 praças.
N. 2. — " " " 90 " "
N. 3. — Porto Bernardino com 80 brasileiros.
N. 4. — Reducto argentino com 160 praças.
N. 5. — Porto Tiburcio.

Escala em braças.





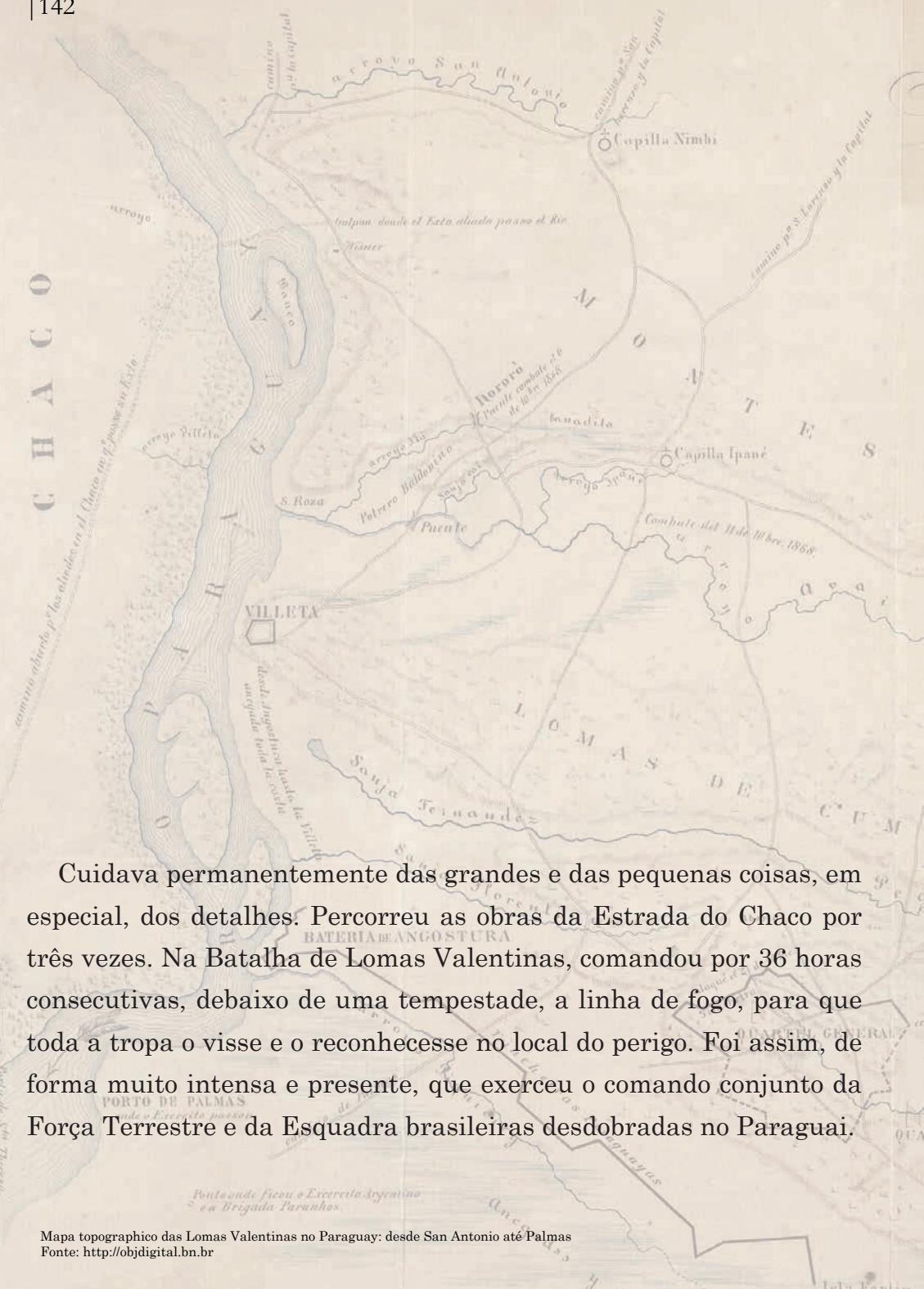
Seu mais monumental feito foi a conquista das posições do Piquissiri. Em 23 dias, construiu o caminho de 10,7km – a Estrada do Chaco – que permitiu transpor o Chaco e o rio Paraguai, com mais de 17 mil militares, envolvendo e surpreendendo as forças paraguaias, que foram atacadas pela retaguarda, local em que as fortificações eram incipientes e vulneráveis (novembro e dezembro de 1868). O movimento derrubou pela manobra a posição defensiva inimiga. O espirito de decisão e de iniciativa caracterizaram e fortaleceram a sua liderança.

Ressalta-se, ainda, que Caxias conhecia cada um daqueles com quem labutava. Sabia ouvi-los e considerava suas colocações no processo decisório. Ispencionava constantemente suas tropas e acompanhava os reconhecimentos. Orgulhava-se de afirmar: “Fui ver, não mandei outros verem”.



Desdobraremos pelo Chaco!
Cel Estigarribia, 1998
<http://ebacervo.eb.mil.br>

C H A C O



Cuidava permanentemente das grandes e das pequenas coisas, em especial, dos detalhes. Percorreu as obras da Estrada do Chaco por três vezes. Na Batalha de Lomas Valentinas, comandou por 36 horas consecutivas, debaixo de uma tempestade, a linha de fogo, para que toda a tropa o visse e o reconhecesse no local do perigo. Foi assim, de forma muito intensa e presente, que exerceu o comando conjunto da Força Terrestre e da Esquadra brasileiras desdobradas no Paraguai.

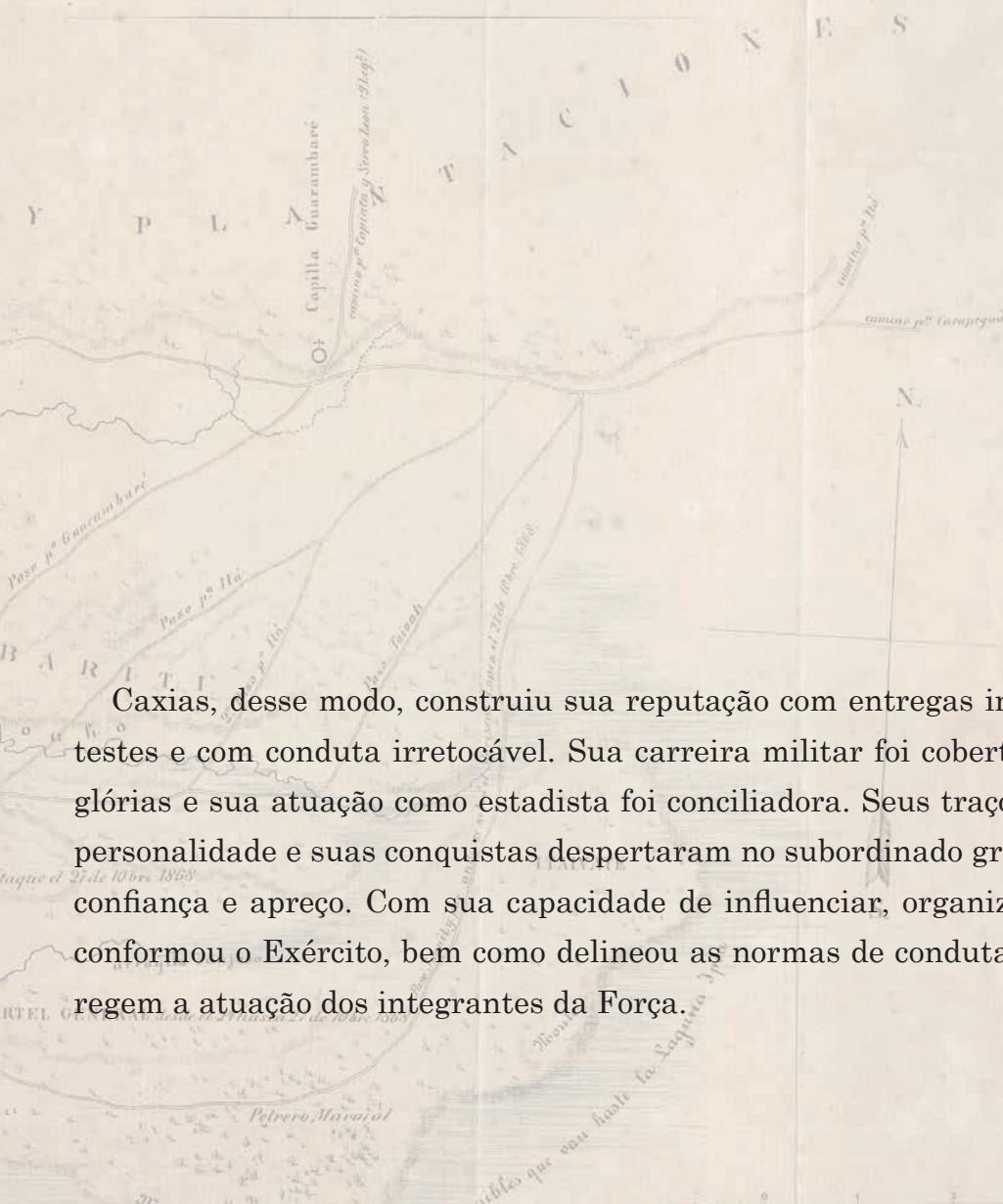
Ponto onde ficou o Exercito Argentino
e a Brigada Paranhos

Mapa topográfico das Lomas Valentinas no Paraguai: desde San Antonio até Palmas
Fonte: <http://objdigital.bn.br>

Mapa Topographico

DAS LOMAS VALENTINAS NO PARAGUAY DESDE

San Antonio até Palmas.



Caxias, desse modo, construiu sua reputação com entregas incontestes e com conduta irretocável. Sua carreira militar foi coberta de glórias e sua atuação como estadista foi conciliadora. Seus traços de personalidade e suas conquistas despertaram no subordinado grande confiança e apreço. Com sua capacidade de influenciar, organizou e conformou o Exército, bem como delineou as normas de conduta que regem a atuação dos integrantes da Força.

No presente, instituição de Estado, permanente e apartidária

Caxias, além de disciplinar a conduta dos militares e organizar o Exército, estabeleceu os fundamentos para que a instituição salvaguardasse o Estado, independentemente da corrente partidária ou política do governo estabelecido.

Nas lutas internas que quase dividiram o Brasil, buscou conciliar os espíritos dissidentes. Acusava o sistema vigente, que repartia a nação em duas facções inimigas e a dividia pela desconfiança mútua, de privar o Estado do serviço dos seus melhores cidadãos. Preconizava que o militar, no exercício da atividade profissional, atuasse de forma apartidária.

O maior exemplo desse entendimento foi demonstrado por Caxias ao ser nomeado comandante em chefe das forças brasileiras no Paraguai. Naquela ocasião, o Partido Liberal era quem governava o Brasil. Não obstante, aceitou o convite para assumir o comando na guerra, independente de questões políticas, declarando:

“

Minha espada não tem partido.

”



Fonte: eb.mil.br

Nesse sentido, demonstrou ser mais militar que político. Ressaltou em mensagem: “Talhado para a luta, eu nunca a provoquei, mas também nunca a temi, nem a temo, quando franca e descoberta”. Assinalou, porém, grande ojeriza perante a dissimulação e a “pequena guerra de alfinetes”, típicas da luta de egos.

Caxias apresentou sempre uma grande capacidade de adaptação à realidade. Apesar do seu espírito conservador, jamais abdicou da flexibilidade e do pensamento crítico. Mantinha permanente consciência situacional e avaliação do ambiente em que operava. A vigilância era contínua e a reflexão incessante. Confiava que uma batalha era ganha quando não se admitia a derrota.

O Duque de Ferro dava a mão aos fracos, ressuscitava brios e reparava injustiças. Respeitava a todos, estabelecendo pontes, mesmo com os vencidos, muitos dos quais, com o passar do tempo, tornavam-se aliados em outras empreitadas.

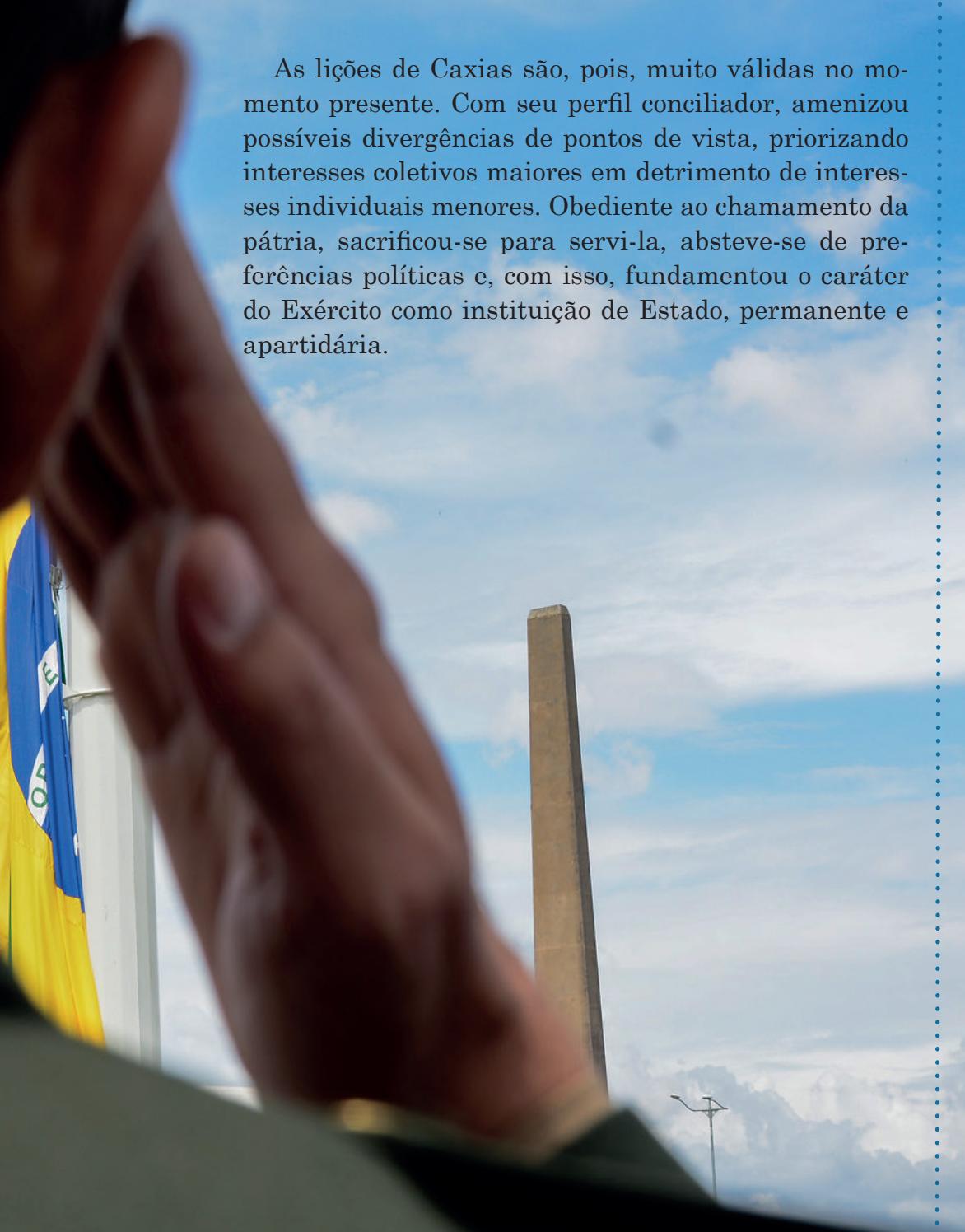
Foi, também, um ser humano como todos nós. Sofreu, ao longo de toda a vida, com os efeitos da malária, que o acometeu ainda no Maranhão. Nunca se acovardou diante da moléstia. Chorou a morte do filho, Luis Alves Júnior, de 15 anos, e da esposa, Ana Luísa (Anica). Com fé em Deus, contudo, superou todos os traumas para servir à pátria. Chegou mesmo a afirmar: “Deus me fez mesmo para andar aos pontapés neste mundo, porque quanto mais trabalho tenho, menos sofro”.

No cenário atual, de escassez orçamentária, ainda são válidas as lições de Caxias, que afirmava: “Faço tudo quanto posso para evitar desperdícios [...]. O marechal, com sua perspicácia administrativa, promoveu gestão austera e transparente dos recursos de que dispunha.

Nesses tempos de desinformação, vale destacar que Caxias preconizava a comunicação oficial para manter os subordinados informados. Por intermédio de ordens do dia, claras e objetivas, externava às tropas a situação e suas recomendações, evitando boatos e mal-entendidos.

Ademais, cumpre lembrar que Caxias, malgrado todos os seus feitos e sua retidão, foi atacado por alguns detratores, que o inscreveram como vulto desprezível da humanidade. A eles respondeu com dignidade e reserva. Suas respostas foram majoritariamente por meio de ações. Foram essas ações, julgadas com a devida isenção temporal, que o tornaram, ao contrário do que seus adversários tentaram disseminar, o maior vulto da história do Exército Brasileiro, uma grande referência para as gerações atuais e futuras.

As lições de Caxias são, pois, muito válidas no momento presente. Com seu perfil conciliador, amenizou possíveis divergências de pontos de vista, priorizando interesses coletivos maiores em detrimento de interesses individuais menores. Obediente ao chamamento da pátria, sacrificou-se para servi-la, absteve-se de preferências políticas e, com isso, fundamentou o caráter do Exército como instituição de Estado, permanente e apartidária.



No futuro, modelo de virtude e de liderança

É justo reconhecer que Caxias perpetuar-se-á como modelo de virtude e de liderança. O médico Olyntho Pillar assim o descreveu: “[...] foi militar íntegro, estadista modelar [...] Os mais altos postos da hierarquia a que ascendeu não alteraram a formação magnífica de homem probo, sereno, bravo, bondoso, altivo, justo, crente, patriota, educado, esposo e pai amantíssimo, como havia sido filho dedicado e respeitador”.

Em um mundo cada vez mais complexo, em que as enfermidades da psique afigem um número crescente de seres humanos, Caxias traz exemplos de resiliência e de antifragilidade. Convém lembrar o surto de cólera que atingiu o acampamento dos aliados, em Tuiuti, em particular nos meses de abril e maio de 1867. Em face daquela doença aparentemente incontrolável, Caxias tomou as medidas aconselhadas pela ciência e confiou na providência: “O mais a Deus pertence”. Aliás, Caxias estabeleceu sua fortaleza moral na religiosidade, nunca descuidando dos seus deveres de culto. Nada o acovardava, pois mantinha inabalável a sua confiança em Deus.

Outro traço muito peculiar da personalidade de Caxias, válido para as futuras gerações, foi a humildade. Com efeito, essa é, em toda a sua nobreza, a base das demais virtudes. Foram inúmeras as vezes em que Caxias dispensou as honras a que fazia jus, pois lhe bastava a satisfação do dever cumprido e de ter sido útil à pátria.



Fonte: eb.mil.br

Homem de ação, desprezou o perigo e evidenciou enorme espírito de sacrifício. Foi herói tranquilo, sereno e controlado, exemplo de honestidade e de caráter. Definitivamente, foi um cidadão de qualidade e um homem de bem, a inspirar as gerações vindouras.

Comportou-se também como um patriota. Em cartas para o seu amigo, o Visconde do Rio Branco, Caxias fez reflexões que, até hoje, reverberam. Na primeira, de 1863, após o Brasil sofrer represálias em virtude da Questão Christie, asseverou: “Não se pode ser súdito de Nação fraca”. Em outra, em 1864, na iminência do conflito com o Paraguai, sinalizou com uma forte crítica ainda válida: “Envergonho-me de pertencer a uma Nação que, abundando em recursos, se deixa ludibriar, por quem não os tem, e isto por falta de quem os saiba aproveitar”. O Brasil, de fato, ainda precisa agregar valor aos recursos naturais e gerar riquezas, as quais, em última análise, proporcionam melhores condições de investimento e, consequentemente, de produção nacional de meios necessários e suficientes para o desenvolvimento do país, bem como de sua capacidade de defesa.

Atento às novas tecnologias da época, Caxias buscou formas de incorporá-las para aumentar o poder de combate de suas tropas. Assim, empregou, pela primeira vez na América do Sul, o aerostato (balão), a fim de colher informações sobre o inimigo. Além disso, acompanhava o desenvolvimento de um novo bronze para os canhões da época, bem como de uma pólvora mais potente. Como líder, buscou as inovações que poupassem seus subordinados e aumentassem as chances de vitória no campo de batalha.





Pantheon
Caxias



Fonte: <http://ebacervo.eb.mil.br/>

Nosso patrono, portanto, por suas qualidades pessoais e profissionais, continuará a inspirar o Exército do amanhã. Seus exemplos de patriotismo e de energia realizadora motivarão a busca incessante pelo desenvolvimento nacional. Com isso, os Soldados de Caxias poderão dispor dos mais modernos meios de defesa, vencendo os novos desafios, alicerçados nos mesmos valores que foram herdados de nosso maior ícone.

“O Deus dos exércitos está conosco”

Por fim, este artigo encerra-se com a mensagem de confiança que Caxias enviou às suas tropas, nas vésperas da Batalha de Lomas Valentinas, combate que teve início em 21 de dezembro de 1868 e encerrou a manobra responsável pela conquista da última posição defensiva paraguaia, antes da capital, Assunção: “O Deus dos exércitos está conosco”.

Nunca vencido, o patrono do Exército deixou obra gigantesca de pacificador e de guardião da integridade nacional. Modelo do homem de bem, seus títulos de honra foram a lealdade, a obediência às leis, a disciplina e o cumprimento estrito do dever. Seus valores foram incorporados pela instituição. Ele vive e viverá entre nós. A sua divisa, “servir”, continuará a inspirar o Exército de Caxias, eterno guardião da pátria brasileira.

Referências

BENTO, Cláudio Moreira. *Duque de Caxias, o Patrono do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2022.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da guerra entre Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2011.

MORAES, Eugenio Vilhena de. *O Duque de Ferro*: novos aspectos da figura de Caxias. Organizado por Guilherme de Andrea Frota e Luiz Paulo Macedo Carvalho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2003.



Porto da Estrela, fazenda onde nasceu Caxias
Johann Moritz Rugendas
Centro de Documentação D. João VI